

Cultivando Sementes e Semeando a Vida

Eduilson e Silvaneide, casal que mora na comunidade Santa Rita, a cerca de 13 km da sede da cidade de Nossa Senhora Aparecida, falam do gosto de viver no campo, buscando fortalecer cada dia mais a relação da família, com a terra, preservando a natureza, cultivando plantas e sementes da liberdade e da resistência.

Eduilson Santos Lima (47 anos) nasceu e se criou no povoado Santa Rita, filho de Nelson Lima e Lindinalva Santos Lima, aprendeu com os pais a preservar a natureza e a cultivar e produzir sementes e grãos. Casou-se com Silvaneide (43 anos), sua prima, filha de Maria Lourdes Santos de Jesus e Vicente Francisco de Jesus. Silvaneide foi criada por sua avó na Gruta Danta, povoado que fica na região, indo morar no povoado Santa Rita quando se casou.

O casal vive há 22 anos nas terras herdadas dos pais de Eduilson, onde se cultiva até hoje uma rica tradição familiar de plantio de sementes. Há mais de 50 anos as sementes eram plantadas pelos bisavôs tradição que foi passada por seus avôs e pais, e hoje, junto com a esposa, ele repassa para seus dois filhos, Matheus (16 anos) e Sthefany (10 anos) que contribuem no dia a dia dos trabalhos desenvolvidos pela família, dividindo as atividades no quintal com os estudos. Ele relembra que a família cultivava a mandioca, mas com o passar do tempo, os irmãos, primos, tios e tias foram perdendo a tradição de plantar a mandioca, chegando a abandonar a casa de farinha que todos da família utilizavam.



Nesse contexto do cuidado com as sementes crioulas, o agricultor relembra que antigamente sua família armazenava as sementes com cinzas e dentro de sacos naturais de nylon, colocando nos cantos das paredes, em cima de tábuas para evitar a umidade do chão e controlar a entrada de insetos e pragas. Às vezes, algumas das sementes se perdiam porque nem sempre os sacos davam conta de controlar a entrada da umidade. Com o passar do tempo, a família começou a usar vasos [silos de zinco, garrafas PET e bombonas plásticas], o que contribuiu com a qualidade do armazenamento, evitando a perda das sementes.

Para ter maior controle na preservação da qualidade das sementes, Eduilson conta que a cada 6 meses, a família abre os vasos para se certificar que não houve invasão de pragas e/ou de insetos, depois faz todo processo de vedação novamente até o dia do plantio. Caso percebam qualquer risco de perda das sementes [a forma de perceber a alteração no milho é por meio do toque na semente, caso ela esteja quente é um sinal de que está dando inseto, bem como, se a semente estiver grudando umas nas outras, pode ser gorgulho], eles/as selecionam as sementes e armazenam novamente com maior cuidado isolando a entrada de ar com colocação de plástico na tampa.

A família possui 6,5 tarefas de terra, onde cultiva suas sementes dentro de uma perspectiva agroecológica, sem utilização de veneno na produção. Lá a família produz: milho nanico ou vermelho, feijão corujinha, feijão de corda, feijão branco, feijão carioca, fava branca, fava nanica ou fava do reino,

quiabo, alface, couve e abóbora. Além disso, eles mantêm uma pequena criação de galinha, porco e gado (este apenas para consumo do leite da família).



A produção agrícola é a principal fonte de renda da família, pois além de utilizar para o consumo, os produtos são comercializados na feira e na comunidade. Somente o feijão de corda e o leite de gado que a família utiliza apenas para o próprio consumo.

Eduilson produz mudas de diversos tipos de plantas, principalmente, durante o inverno, mas não comercializa porque acredita que as demais famílias também precisam melhorar seu olhar para os cuidados com a natureza. Ele conta que adquiriu este olhar com seus pais e que o seu envolvimento com o trabalho comunitário da igreja e no sindicato contribuíram para querer que cada dia mais outras famílias tenham um cuidado maior com as plantas e os animais, lembrando que na sua infância, eles caçavam pássaros e

animais no mato, mas o desmatamento foi crescendo e tudo isso se perdeu.

A família reforça seu interesse em continuar conservando as sementes, por ser mais natural do que as que compram nas lojas comerciais ou feiras, pois não sabem a procedência das mesmas, sem esquecer que as das lojas comerciais já possuem um monte de drogas que prejudica a terra, além disso, as sementes conservadas ano após ano possibilitam uma segurança naquilo que a família consome. Eduilson lembra que até as galinhas não comem o milho se for comprado na feira para fazer um teste, “é como se não conseguisse ingerir aquele tipo de milho que não foi plantado aqui na roça, pode até tentar, mas as galinhas não comem”, ressalta.

E continua, “é por isso que a gente planta, porque a gente tá conhecendo a qualidade daquela semente, a gente sabe o que tem ali nela, assim, a gente sabe que tem maior garantia para saúde”. As sementes são cultivadas pela família a mais de 50 anos, pois a tradição de guarda-las vem de seus bisavôs, que não conheceram, e que nesses anos, perderam apenas o armazenamento do capuco roxo e o capuco fino, mas tem a esperança de recuperar essas sementes.

A participação de Eduilson nos movimentos da igreja, o levou ao conhecimento do Sindicato dos/as Trabalhadores/as Rurais que sempre realizava ações beneficiando as famílias agricultoras. Isto, motivou Eduilson a buscar o sindicato e se filiar ainda jovem, pois queria ajudar sua comunidade a se desenvolver, porque na época não existia associação organizada, mais tarde, Silvaneide também se filiou.

Após sua associação ao STTR, Eduilson acabou se tornando Secretário de Assalariado, e atualmente encontra-se como Tesoureiro. Além disso, Eduilson, enquanto representante da Igreja Católica, faz parte da Comissão Municipal da ASA, o que lhe motiva bastante a continuar acreditando na transformação social, pois consegue perceber os avanços que o semiárido teve a partir das ações de convivência com o semiárido. Bem como, destaca ter sido a primeira grande conquista da família, conseguir a Cisterna de 16 mil litros, “foi e é o maior gosto da vida”, afirma.

O sonho da família é de “ter um terreno com muita água para trabalhar na terra e fazer plantação, eu não tinha o sonho de ter uma fazenda, mas uma terra com condições de fazer minhas plantações. Toda a vida eu sempre gostei de plantas, não só de sementes, mas plantas ornamentais, flores, medicinais, todo tipo de planta”, diz Eduilson.

Para Silvaneide, o lugar da sua a família é continuar na terra, pois “não temos o sonho de ir para cidade, pelo contrário, queremos ter o contato com aquilo que sempre vivemos, com nossa terra, a gente se criou assim, queremos viver aqui e queremos que nossos filhos continuem aqui”, conclui.

“A gente acha que morar na cidade para nós, não é tempo. A gente tem que lutar pela terra, a gente tem que cuidar da terra que é uma conquista. A gente acha que quem não tem terra é pobre, infelizmente. Pode ser pouca, mas é a nossa riqueza”, registra Eduilson.

